

GÊNERO E RESISTÊNCIA: IDENTIDADE DAS MULHERES *BIDEIRAS* NO MERCADO DA GUINÉ-BISSAU

Calado Sanhá¹

UFG/GO

Resumo

O presente trabalho busca valorizar as resistências e identidades das mulheres guineenses nos processos socioeconômicos da Guiné-Bissau, com destaque, as mulheres *Bideiras* (vendedoras) no mercado informal da Guiné-Bissau. O mercado informal guineense, como sendo um espaço relevante onde as resistências e sobrevivências no qual as mulheres, em especial as *Bideiras*, tomam de frente tornando-se comerciantes, produtoras e até chefes da família. Embora elas deparam e frequentam vários desafios, tanto como estereótipos de classe, assim como desigualdade de gênero, onde o jeito tradicional de pensar e viver na Guiné-Bissau criou uma cultura em que o homem e a mulher não têm o mesmo poder, e coloca a mulher na posição que ela se encontra (subalterna). Essas mulheres no mercado informal tornam símbolos da resistência econômica do país, e suas identidades são moldadas pelas lutas diárias. Mas mesmo assim, elas continuam resistindo, articulando suas resistências cotidianas, lutando por seus direitos de igualdade na sociedade guineense.

Palavras chaves: Bideiras, Identidade, Resistência.

Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau ou república da Guiné-Bissau situa na costa da África Ocidental, o país faz fronteira Sul com Senegal e norte com Guiné-Conakry. O território guineense possui superfície total de 36.125 km², com população aproximadamente de 2 milhões de habitantes. O país também é formado por suas maravilhosas ilhas que incluem os arquipélagos de Bijagós, além de mais de 80 ilhas vistas em todas as regiões, incluindo ainda os 37 setores do país (Sanhá, 2023).

As regiões que compõem a área territorial guineense são nomeadas como: Quinará, Tombali, Bolama, Bafata, Oio, Cacheu, Gabu e Biombo, sem contar com Setor Autônomo de Bissau (SAB²) (Sanhá, 2023).

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Onde se concentra o poder administrativo do país.

De acordo com Sanhá (2023), dentro do território guineense, pode se encontrar mais de duas dezenas dos grupos étnicos que formam a identidade cultural do povo guineense, “Cada um desses grupos tem a sua própria língua, o que leva o crioulo³ a ser considerado uma língua da unidade nacional” (Sanha, 2023, p. 12). “O país conta com mais de 20 línguas nacionais expressas por grupos étnicos e sua variação linguística, mas considera o crioulo como a língua nacional e conta com a língua portuguesa como a língua oficial da nação” (Sanha, 2023, p. 13).

Apesar do país é pequeno territorialmente, a variedade cultural é muito valorizada e expressadas por diferentes grupos étnicos dentro do país, entre esses grupos étnicos, podemos listar uma dezena deles: Pépel, Mandjaco, Mancanhi, Mandinga, Fula, Biafada, Budjugu, Flup, Balanta, Nalu, entre outras, e esses grupos étnicos se encontram em todas as regiões apontadas acima (Sanhá, 2023). E as mulheres *Bideiras*⁴ surgem em todos os grupos étnicos dentro do território guineense, não importa as regiões, se formos contar no dedo, ou chutando números das mulheres guerreiras _ *Bideiras* em cada grupo no país, encontraremos no mínimo uma centena delas.

Breve contextualização das mulheres guineenses na luta da libertação da Guiné-Bissau

A luta armada contra opressão colonial na Guiné-Bissau⁵, foi mais que só expulsão dos colonos portuguesa no território guineense, foi mais que só apenas enfrentamento militar, foi um marco histórico relevante para independência guineense, porque foi moldado sob processo da mobilização popular guineense, onde vários grupos étnicos se juntaram por um só objetivo *ser liberto*, afirmando suas identidades, assim como resistências voltadas não apenas pela independência, mas em mudanças significativas das lutas anticolonial. E essa luta não se restringe apenas aos homens, também houve participação ativa das “mulheres” guineenses, até a conquista da sua independência em 1973. De acordo com Hipólito Mendes (2016) citando Handem (2014) na sua monografia *Mindjeris di Guiné-Bissau tené balur*⁶, salientou que, de modo histórico, no processo da luta armada pela independência, as mulheres sempre participaram no confronto ao lado dos homens, tanto nos combate, assim como em outras

³ Historicamente foi desvalorizado pelos colonizadores (portugueses), considerado como português mal falado (kriol/crioulo).

⁴ *Bideiras* é uma expressão que é utilizada para os trabalhadores e trabalhadoras, que um modo geral, enfrentam diariamente a luta pela sobrevivência (financeira) e pela sustentação das suas famílias, atuando de forma independente, sem apoio do governo, o que podemos caracterizar como trabalho autônomo.

⁵ Foi um conflito de 1963 a 1974, liderado pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) contra o regime colonial português.

⁶ Mulheres da Guiné-Bissau tem valor.

tarefas de gestão nas zonas que foram libertadas. Do mesmo modo, Sá (2023) relatou que sempre as mulheres estão ao lado dos homens desd'á luta contra os colonizadores, e essas mulheres mostraram suas bravuras, elas também são fortes e comprometidas de certo modo com a luta para defender e resgatar a liberdade que os colonizadores tiraram.

Martins (2024) aponta que, essas mulheres na época pré-colonial cuidavam da família enquanto os homens estão ausentes, e muitas delas estavam na linha de frente na luta, criando junto dos homens táticas, estratégias para assegurar o país e expulsando a colônia portuguesa. Ainda para ela, perante a luta da libertação “as mulheres garantiram sua ativa participação, pois carregaram material bélico, cuidaram das plantações e alimentaram os guerrilheiros” (Martins, 2024, p. 26). Essas mulheres não só participavam/auxiliavam da forma ativa na luta, como também ariscaram suas vidas para fornecer alimentos, dar assistência médica para os homens feridos na luta, como abordou Margarido (2010) citado por Martins (2024):

Muitas mulheres guineenses se juntaram às fileiras do PAIGC como guerrilheiras, arriscando suas vidas na luta armada contra as forças coloniais portuguesas. Elas demonstraram bravura e determinação na defesa da independência e na conquista da liberdade para seu povo (Martins, 2024, p. 28).

Como vimos acima, a bravura e coragens dessas mulheres ajudou o país a ter sua independência. Nesse aspecto, Gomes (2016) aponta as colaborações das algumas mulheres valentes, entre elas, “a Rainha Pampa, Carmem Pereira, Teodora Inácia Gomes, Titina Sila, Francisca Pereira, Tenem Camará, Ana Lopes, Lurdes Vaz, Nhima Muskuta Turé” (Gomes, 2016, p. 126), entre outras mulheres. Elas desempenharam papeis relevante no decorrer da luta pela libertação nacional, envolvendo fortemente na resistência em combate direta com regime colonial (Martins, 2024).

É importante relembrar que as mulheres não só lutaram ao lado dos homens para expulsar os portugueses na Guiné-Bissau, elas também lutaram contra desigualdade do gênero desd'á época colonial até dias atuais. Além disso, “[...], as mulheres guineenses também enfrentaram desafios específicos de gênero, como discriminação, violência de gênero e estereótipos de gênero” (Martins, 2024, p. 28). Bem, podemos apontar que perante a luta, as mulheres sofreram com machismo e desigualdade, são tratados como inferiores, pois nessa época, a sociedade guineense abraça a ideia dominada da Europa, assim colocando os homens acima das mulheres.

Martins (2024) aponta que, um dos principais desafios das mulheres na luta da libertação é a discriminação do gênero, onde elas enfrentaram forte marginalização e exclusão até no movimento da libertação. Mas, apesar dos desafios, elas ainda desenvolveram vários

planos para superar a discriminação, e buscaram caráter em várias formas das resistências, políticas, culturais e sociais. Por outro lado, Martins ainda relata que, até o Amílcar Cabral⁷ reconheceu o quanto as mulheres tem suas importâncias na luta pela independência, assim ele afirma que “A mulher é a base da sociedade guineense. Se a mulher está forte, a sociedade guineense estará forte” (Martins, 2024, p. 29).

Realço e afirmo junto de Amílcar Cabral que sim, as mulheres guineenses são base da sociedade guineense, e ainda, se a sociedade guineense continua forte economicamente, são através das mulheres, mulheres *Bideiras* e entre outras, que vamos abordar mais na frente.

As mulheres sempre foram fortes ao longo do que foi abordado acima, elas são pioneiras na luta armada pela libertação nacional, elas enfrentaram desafios, discriminações e preconceitos, tudo isso, para elas se tornaram agentes de mudança, como salientou Martins, “Elas mostraram coragem e resiliência, enfrentaram a repressão do regime colonial e lutaram por um futuro melhor para seu povo e sua nação” (Martins, 2024, p. 28). Assim, podemos ainda dizer que, as lições ou inspirações delas, continua sendo presente na luta pela igualdade de gênero/classe na Guiné-Bissau. Mas mesmo assim, com tudo que foi abordado acima, elas ainda foram colocadas em uma posição subalterna da fragilidade.

O foco do presente trabalho está direcionado às mulheres guineenses *Bideiras* (guerreiras), mães, tias, avós, e entre outras, que enfrentam lutas diárias e os desafios no mercado informal guineense. Além disso, também enfrentam os estereótipos, opressão, tanto dentro quanto fora da casa.

Gênero no contexto guineense

As inquietações e questionamentos das feministas voltado as ideias dominantes (gênero), que colocavam os homens nos lugares superiores e as mulheres nos lugares subalternos, deu-se início por volta de 1970 (Ramos, 2011). E até atualidade, o mesmo continua sendo discutido por quase todo mundo, de como as mulheres são tratados como menos importante em toda sociedade. Como abordou Collins (2015) que, o uso estereotipado da imagem repetidas “raça, classe e gênero” ajuda fortemente a manter ideias erradas. Por exemplo: na sociedade guineense, mostrar a imagens das mulheres como frágeis, dona de casa, de certo modo cria uma teoria de que é o único lugar ou papel delas. Por essa razão, é muito

⁷ Foi um político, agrônomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, defendia a autodeterminação dos povos, a luta pela independência e a reafirmação das mentes.

relevante abordar a diferenciação entre homens e mulheres (gênero) para podermos pensar e compreender o porquê das mulheres continuam enfrentando desigualdades de gênero, estereótipos e opressão. E quando o assunto é abordar situação social das mulheres guineenses, é sem dúvida, falar da precariedade de modo geral (Mendes, 2016). Como ainda relembra Collins (2015) que, as categorias “raça, classe e gênero” são relevantes para compreender como a sociedade funciona, assim, como algumas pessoas acabam sendo consideradas pior que outras. Além disso, Moreira (2022) acrescenta que, para fazer um estudo do gênero na Guiné-Bissau, é preciso em primeiro lugar compreender as particularidades do país, em particular suas diversidades culturais (étnicas) e religiosa.

Por outro lado, apontou Carvalho e Mbundé (2021) que, a desigualdade de gênero não se limita apenas na diferenciação biológica, mas também a forma da discriminação e ação diferente contra as mulheres, e como destaque “machismo” ou melhor, no contexto guineense, podemos assim dizer *Matchundadi*⁸, que ainda enraíza no psicológico dos homens. Como expressa Moreira (2022) o provérbio “*Guiné-Bissau Padi só Fidju-Matchu*”⁹ é mais que uma queixa das mulheres para demonstrar as causas dos seus sofrimentos, dificuldades diárias, e entre outras. No mesmo raciocínio, Sá (2023) ressalta que, a questão de gênero pode ser compreendida como uma construção social, que nos ajudaria a entender como as identidades e relações sociais são construídas culturalmente. Do mesmo modo também salientou Carvalho e Mbundé (2021) que, o gênero é uma construção social, porque revela lugar e ocupação da mulher e do homem, e no contexto patriarcal, orienta a uma desigualdade de gênero, e os que mais sofram são mulheres. Sendo assim, é crucial uma luta contra desigualdade originado pela sociedade, para trazer o equilíbrio que desfrutam do mesmo direito, incluindo as oportunidades. Ainda para eles, “o sexo é algo biológico enquanto que gênero é construção social, sendo construção social, ele descreve aquilo que deve ser, não aquilo que você realmente é as ideologias construídas numa sociedade dinâmica” (Carvalho e Mbundé, 2021, p. 153).

Bem, podemos reforçar afirmando que o gênero, como construção social, coloca a mulher na posição que ela se encontra. Ou seja, a sociedade cria a ideia de como o homem e a mulher podem/devem se comportar. Por exemplo: os homens, são ensinados desde criança ser fortes, protetores, e entre outras, enquanto as mulheres são ensinadas a ser cuidadoras, sensíveis, etc. por isso elas acabam sendo colocadas numa posição de submissão, isso porque a sociedade

⁸ Cf (Moreira, 2022).

⁹ A Guiné-Bissau pariu apenas filhos varões.

constrói essa ideia da forma natural. A pergunta que não quer calar é: *Por que e como as teorias de superioridade masculina foram criadas e naturalizadas ao longo do tempo?*

A violência do gênero na sociedade guineense está profundamente baseado no modelo patriarcal, que legitima o homem como detentor de poder, e coloca a mulher numa posição subalterna, cumprindo e exercendo as tarefas planejadas pelo homem (Mendes, 2016). Como também apontou Sá (2023), “as posições de lideranças são ocupadas majoritariamente por homens e os trabalhos de cuidados, ficam para as mulheres, porém, ao longo dos anos, as mulheres vêm se lutando para a equidade de gênero e desmistificação dessa exclusão” (Sá, 2023, p. 3). Os homens sempre são considerados responsáveis da família (proteger e dar sustento), oposto das mulheres que são ensinadas a cuidar da casa e dos filhos, da forma tradicional.

Sá (2023) relembra que, o jeito tradicional de pensar e viver na Guiné-Bissau criou uma cultura onde o homem e a mulher não têm o mesmo poder. Esse pensamento tradicional guineense apontou o homem com mais autoridade e que a mulher deve obedecer. Esses papéis, de certo modo não são a escola pessoal das mulheres, mas sim, são definidos pelos costumes de acordo com gênero. Ainda para a autora, o mesmo jeito de pensar foi eventualmente influenciado aos estereótipos de gênero, onde as mulheres, são, por fim, estabelecidas como sendo “donas de casa, mãe, esposa”, e entre outras.

A luta das mulheres ainda está em estágio inicial, por estar ligada ao espaço privada, onde as mulheres sofrem violência física, lutam pelos seus direitos da vida, seus lugares da fala, “a não casamento forçada, a não circuncisão feminina, a autotomia financeira, uma luta pela educação das jovens meninas, luta para controle do corpo feminino” (Carvalho e Mbundé, 2021, p. 155). Por isso, lutar contra violência contra mulheres, é sem dúvida lutar contra entraves que prejudicam a sociedade de modo geral. Isso porque, as violências sofridas pelas mulheres estão entrelaçadas a outros problemas sociais.

Mulheres no Mercado Informal (*Bideiras como centro da atenção*)

O mercado informal guineense pode ser visto como as principais fontes de emprego e renda da maioria das populações do país, em particular “mulheres”. Assim podemos apontar mais de 60% das atividades econômica do país são do setor informal, e as mulheres ocupam a maior parte delas. Como sublinhou Mendes “Atualmente é notável a participação ativa da mulher no desenvolvimento econômico” (Mendes, 2016, p. 59). Ou seja, as mulheres sempre ajudam a mover a economia da Guiné-Bissau, e onde o avanço mais se destaca é no comércio

informal, como feiras, vendas de porta a porta ou negócios próprios. Como também apontou Baldé (2019), as mulheres envolvidas nos comércios, são muitas das vezes produtores dos próprios bens, através do próprio trabalho, cultivando e produzindo seus produtos para venda. E essas mulheres “regulam e expõem a venda seus produtos em torno de mercados, feiras, praças, postos de venda, [...], pequenas lojas ou barracas de negócios, nas ruas etc” (Baldé, 2019, p. 27). Com essas pequenas plantações “como hortas”, elas contribuem na alimentação da sua família, incluindo arrecadação do próprio dinheiro. Uma coisa interessante é que elas mesmas cuidam das suas plantações, sem contar com ajuda dos homens para isso, e isso mostra a força da independência (autonomia) na realização das atividades (Domingues, 2000).

Por outro lado, Martins (2024) relata que, a economia do país não se limita apenas na produção hortícola ou agrícolas, se estende também nas exportações de castanha de caju¹⁰, de peixe, mariscos¹¹, e entre outras. Do mesmo jeito, também ouve participação ativa dos homens no setor comercial informal, como salientou Baldé, “[...] expositiva dos produtos em Bissau se classifica dessa forma onde homens e mulheres estão presentes nas ruas e mercados como vendedoras e compradoras, [...]” (Baldé, 2019, p. 30). Achinger (1992) *apud* Domingues (2000) realçou que, o mercado guineense está dividido em duas partes: primeiro se refere “os produtos importados e por atacado são vendidos pelos homens” e segundo “os de produção local e a retalho são oferecidos no mercado pelas mulheres” (Domingues, 2000, p. 297). As mulheres *Bideiras* se encaixam em ambas as partes, além delas compraram mercadoria de fora do país para revender ou revender, elas também fazem o mesmo com produto local para revender. Como colocou Vieira:

[...] como em trabalhos de horticultura e agricultura familiar, que são praticados pelas mulheres guineense, estas podem desempenhar dois papéis ao mesmo tempo: o de produtora e vendedora; há mulheres *bideiras* que trabalham com vendas de produtos importados da Europa e países vizinhos e para tanto viajam para Europa e Brasil à procura de produtos (roupa, sapatos, colares etc.), para revender. Estas mulheres costumam ter vidas estáveis. Há ainda mulheres *bideiras* que importam produtos nacionais (cabeceira, veludo, foroba, camarão defumado) em voos para Cabo-verde. Outras *bideiras* vendem seus produtos de forma precária no mercado de capital (Vieira, 2023, p. 113).

Como podemos ver, as *Bideiras* nem sempre centralizam suas vendas numa só localidade, elas buscam suas melhores condições de vida, “*de fora pra dentro*”, “*de dentro pra*

¹⁰ A castanha de caju é o principal produto de exportação da Guiné-Bissau, representando cerca de 90% das exportações totais do país.

¹¹ Depois da castanha de caju, a exportação do peixe e marisco (camarão) são principais receitas do país.

fora” e “*de dentro pro dentro*”¹². Por isso, dentro da categoria *Bideira*, existem trabalhos que muitas das vezes podem ser vistos como precárias e outras estáveis, portanto, antes de classificar a categoria, é relente entender/compreender a realidade em que essas mulheres *Bideiras* se encontram (Vieira, 2023). Por exemplo: as “*de fora pra dentro*” e “*de dentro pra fora*”, certamente não compõem a mesma classe econômica com as “*de dentro pro dentro*”. Ainda assim, isso não significa que essa classificação representa uma classe fixa entre as *Bideiras*, pois, essa diferenciação pode ser revertida, dependendo da força e da potencialidade que cada uma dessas mulheres possui. Como frisou Vieira (2023), achar que todas as *Bideiras* vivem em uma situação difícil é um equívoco, pois, elas não ocupam a mesma condição social.

Estes atuantes de rotas informais comandam o comércio dos bens alimentares, abrangendo fruta, vegetais, arroz produzido no país, peixe”, etc (Domingues, 2000). Como apontou Mendes (2016), que as mulheres contribuíram fortemente no crescimento econômico, especialmente em três tipos de trabalhos: agricultura, criação de animais e pesca. “(i) desenvolvimento da produção agrícola (incluindo fileiras do arroz, castanha de caju e horticultura), pecuária e pesca; (ii) desenvolvimento do sector informal (tanto no meio urbano como rural, especialmente no comércio) e, (iii) trabalho doméstico” (Mendes, 2016, p. 32). No entanto, Mepir (2011) *apud* Mendes (2016) salienta que, mesmo com a melhoria da vida familiar através do trabalho, incluindo ajuda no crescimento econômica do país no Produto Interno Bruto – (PIB), as produções delas ainda se encontra baixa, devido à dificuldade para conseguir os recursos necessários, como terra, ferramentas, dinheiro ou apoio técnico.

Identidades moldadas pela luta como *Bideiras*

As mulheres quando ocupam duas funções “mãe e pai” ao mesmo tempo, desempenham papel fundamental no que se refere a identidade e lutas diárias. Como no caso das “[...] famílias com mulheres [...] chefes de família, mulheres que se assumem enquanto mãe e pai dos filhos (matrifocais), famílias sem a presença do pai (pai abandonico) [...]” (Martins & Fortes, 2011 *apud* Fortes, 2015, p. 152). Elas por assumir essas identidades na cotidiana familiar é simples ser identificada, pois elas ocupam todas as gestões de modo gerar, desde setor financeira até vida escolar das crianças (Fortes, 2015). E por elas serem mães, tias, avós, e entre outras, suas identidades moldadas na luta não se resumem apenas na resistência

¹² Os termos “*de fora pra dentro*”, “*de dentro pra fora*” e “*de dentro pro dentro*” são usados para ilustrar as estratégias das dessas mulheres, onde elas podem comprar produtos no exterior para revender no próprio país, adquirir mercadorias nacionais para exportar, ou ainda comprar e revender dentro do próprio país.

histórica contra o colonialismo no passado. Elas enfrentam, diariamente múltiplas formas de opressão, estereótipos no presente.

No mercado informal, elas se tornam símbolos da resistência econômica do país, pois, elas desempenham um papel essencial na sustentação das suas famílias e uma sociedade justa e igualitária. Como Vieira (2023) apontou, que o termo *Bideira* pode ser relacionado a valorização da sua identidade, honra de estar trabalhando, principalmente para aquelas mulheres chefes de família. Como também colocou Baldé (2019), que as identidades das mulheres *Bideiras* guineenses são criadas pela interligação entre resistência, luta cotidiana e autonomia comunitário. Atuando como indivíduos de mudança essencial na vida social, econômica e política da Guiné-Bissau, e por meio das suas condutas cotidianas, elas proporcionam o bem-estar local e à construção de percursos próprios para o desenvolvimento sustentável.

As mulheres Bideras se vinculam no ideal da mulher emancipada, a cidade de Bissau, ilustra as principais feiras ou mercados assim digamos, principais pontos de encontro de atividades comerciais a céu aberto do país nomeadamente; o Mercado de Praça (Fera di Praça) Mercado de Bandim (Fera di Bandé), Mercado de Caracol (Fera di Caracol), e etc. Estes mercados, considerados como instituições de revenda e de distribuição de bens alimentícios (Baldé, 2019, p. 29).

Nesses espaços, elas desempenham dependência financeira e autonomia, assim rompendo estereótipos tradicionais que limitavam seus papéis fundamentais. Ao dominarem espaços públicos como mercado informal, elas exigem e lutam por seus direitos de lugares, que representam as resistências diárias das mulheres contra injustiças socioeconômicas, e reforçando suas identidades como *Bideiras* na luta e sobrevivência. Pois, para essas mulheres, o mercado não é só um espaço da venda, mas sim, espaço de encontro, de trocas sociais e culturais que consolidam suas identidades coletivas como mulheres (mães, tias, avós e entre outras), colaborando para construção da política do pertencimento.

Do mesmo modo, frisou Gomes (2019) que, as mulheres fortalecem suas identidades ao demonstrar que, suas práticas diárias como plantar, costurar e comercializar, elas de certo modo estão reafirmando suas posições e valores, e ao mesmo tempo, se resultam no modelo da resistência e de poder feminino criativo. A partir destas atividades realizados por estas mulheres, há de certa forma uma conquista de reconhecimento de *identidade* em suas comunidades de modo geral, e “quando se pensa nos trabalhadores guineenses de um modo geral [...]” elas “são responsáveis pelo sustento de muitas pessoas ou famílias” (Gomes, 2019, p. 49). Suas identidades como mulheres batalhadoras são reconhecidas, respeitadas por suas contribuições

na luta contra condição socioeconômica precária na comunidade e no país, assim, conquistando respeito e valorização na sociedade.

Por outro lado, Domingues (2000) salienta que, o trabalho feminino não pode se resumir apenas em trabalhos agrícolas, do mesmo modo que seus trabalhos são importantes na produção agrícolas, é deste mesmo modo que suas obras também podem ser significativas na produção artesanal “quer de produtos florestais e agrícolas, quer dos recursos fluviais e marinhos e mesmo minerais” (Domingues, 2000. p. 302). Na Guiné-Bissau, é comum não encontrar as mulheres nos trabalhos pesados, isso porque elas ocupam a posição que não é fruto da sua escolha individual, mas de uma estrutura patriarcal construída historicamente.

Na pesca tradicional-artesanal, de acordo com Fernandes (2012) *apud* Mendes (2016) podemos encontrar com pouca frequência participação das mulheres ao lado dos homens pescando em pequenos rios, canais, etc. e é muito raro encontrar mulheres no alto mar pescando ao lado dos homens. Elas muitas das vezes aparecem mais para comprar os produtos pescados para vender no mercado. Como frisou Domingues (2000), a comercialização dos peixes frescos ou congelado no mercado urbano são fortemente dominadas pelas mulheres, em particular as mulheres *Bideiras*. Elas carregam os pescados para comercializar nos mercados (internos) do país (Martins, 2024).

Baldé (2019) nos reforça ainda que, cada *Bideira* se organiza para atrair seus clientes no mercado, há outras que vão para outro bairro além do mercado central do país. E é relevante apontar que nem todas as *Bideiras* conseguem um determinado espaço para vender seus produtos, aqueles que conseguem, sempre continuam na mesma localidade, quanto os que não conseguem, se mudam constantemente, dependendo do local e da taxa cobrada pelo Estado. E aquelas que não tem uma localidade para se chamar de *n' nha lugar*¹³, recorrem aos meios urbanos, cotidianos dos habitantes para vender seus produtos. Elas vendem produtos essenciais para o cotidiano das pessoas, por isso o que elas fazem é muito importante para o povo da Guiné-Bissau.

Desafios

Pensar as mulheres hoje, em particular mulheres guineenses, resulta em esclarecer múltiplos espaços e tempos que de certo modo contribuíram para explicar as vivências, percepções e práticas. Assim como em vários lugares na África e no mundo, as mulheres negras

¹³ Meu lugar

frequentemente foram descartadas de lado. Mesmo elas sendo fortes, com conhecimentos, trabalhando duro pela família, poucas vezes tinham vozes nas decisões. Cardoso (2018) *apud* Dias e Almeida (2021) no seu texto **“*Eu empregada doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil*”**, frisaram que “Historicamente, as mulheres negras foram “destituídas do status do ‘ser’, seus corpos foram excluídos da condição de sujeitos sociais, [...]” (Dias e Almeida, 2021, p. 12). Há uma semelhança quando formos comparar com Guiné-Bissau, as mulheres também enfrentaram estereótipos e operações coloniais, em particular o patriarcado, e as mulheres sendo invisibilizados muitas vezes pelos homens.

O padrão de viver da mulher passa ser saber respeitar com base nas características que encante o público, como “respeitar a família, a família do homem; sair da casa do pai para do homem, terá que lidar com todos: família, vizinhos; fazer tudo o que lhe pedira” (Roque et al, 2011 *apud* Mendes, 2016, p.54). Na Guiné-Bissau, a busca pela independência das mulheres, ou seja, cuidar de si mesmas e suas famílias sem necessitar financeiramente dos homens, são vistas da forma explícita e com muita frequência, essa vontade pela liberdade aparece quando focamos de perto nas lutas diárias que elas enfrentam, em particular mercado informal (nas feiras, nas ruas, etc.) (Martins, 2024). Ou seja, mesmo com muitas barreiras, elas possuem papel relevante para mostrar suas forças na luta pela igualdade e autonomia, trabalhando nos lugares distintas para sustentar suas casas e famílias. Apesar de alguns elementos culturais bloqueavam com que elas deixassem de ser submissas dos homens para trabalhar fora da casa, mesmo assim, elas com suas coragens e bravura continua lutando firmemente contra estereótipos e opressão (Sá, 2023).

Dentro de um caminho socioculturalmente onde o patriarcado tem mais força, as mulheres mães sempre lutam para ter um lar considerado e saudável (Fortes, 2015). Que muitas das vezes são vistos como auxiliar dos homens, em casa ou nos locais de serviços, e essa falta de valorização de certa forma coloca elas (mulheres) na posição da invisibilidade (Sá, 2023). Assim Martins (2024) critica que, o trabalho da mulher não é apenas sustentar a família, nem garantir bom estudo para os seus filhos, mas também elas lutam pela liberdade contra sistema que são colocadas, na posição da “empregada” e entre outras. Como também colocou Devis (2016), “Vocês podem nos dizer que nosso lugar é em casa”, mas precisamos “sair todos os dias para ganhar o pão [...]” (Devis, 2016, p. 146).

As mulheres guineenses no mercado representam uma boa parte da população ativa com 49%, no meio de mercado informal, e na produção do próprio produto (agrícola) elas

podem ocupar 55% (Mendes, 2016). Por esta razão, as *Bideiras* no mercado informal, ou campo econômico, muitas das vezes não precisam do governo ou marido em casa, elas por assumir suas identidades como *Bideiras* sentem a necessidade de cuidar de si próprio e dos seus filhos, mesmo sem auxílio do homem, e isso não é problema para elas (Baldé, 2019). Na mesma perspectiva, elas encontraram um caminho de lidar com estereótipos, opressão e outras dificuldades cotidianas através dos benefícios no trabalho informal, sabendo que esse meio causa cansaço e também causa *medo* nos homens. Assim como colocou Martins e sua interlocutora;

[...] “falar eu que sustento a minha casa” os homens tomam como errado, então a gente se complementa, mas nós mulheres, a gente é que tem mais peso, nosso pão de cada dia sai aqui, é aqui que você paga a escola, dar o que comer, é aqui que se faz tudo, se eles estarem bem vestidos é aqui e calçados é aqui (Emília) (Martins, 2024, p. 68).

O orgulho do homem por ser sempre superior, as vezes atrapalha a vida da mulher de vários sentidos. E a mulher por deixar o homem nessa posição, acabam fazendo as coisas em segredo para não causar constrangimento ao marido. Devis (2016) aponta que, as mulheres trabalham em segredo porque a sociedade em geral é construída em volta da teoria de que os homens, só homens, ganham dinheiro para sustentar a família.

É relente ressaltar que na sociedade guineense, muitas mulheres não escolham comercializar como sendo uma escolha própria, outras começam *buska bida*¹⁴ desde cedo ajudando suas mães, avós, tias, etc. outros acabam entrando por necessidades, como uma alternativa econômica para auxiliar em casa¹⁵ (Baldé, 2019). Alguns, para se inseriram no mercado como *Bideiras*, recorrem ao empréstimo aos familiares, amigos de confiança, com intenção de devolver sem juros, e estes casos as vezes acabam em conflito, caso a devolução do empréstimo demora mais que o normal, e pode chegar até judicial (Mendes, 2016).

Conclusão

As mulheres guineenses contribuíram da forma ativa e fundamental para independência da Guiné-Bissau. Elas, por suas bravuras, atuaram tanto nas tarefas logísticas assim como nos combates, combates que não se resume só em enfrentamento ao colonialismo,

¹⁴ Comercializar

¹⁵ Em outros casos, as mulheres *Bideiras* ingressam no mercado informal para suprir despesas que os homens não conseguem cobrir, ou porque preferem não deixar seus maridos lutando sozinhos todos os dias para sustentar a casa, cientes de que muitos deles não têm empregos estáveis no país.

mas também ao “machismo”. E , após a independência, elas continuam resistindo opressão e estereótipos, em particular no mercado informal guineense.

A desigualdade de gênero perdurou desde época da luta colonial, e ainda continua permanecendo na Guiné-Bissau. E é resultado das obras sociais e culturais patriarcais, que impõem as mulheres nas posições subalternas, endurecidas por estereótipos que os colocaram como dona da casa. Como salientou Dias (2020), *a figura da mãe preta* “cuja função era garantir o bom funcionamento da casa grande realizando desde as tarefas domésticas [...]” (p. 545). Apesar da luta das mulheres ainda continuam ativa, é necessário garantir autonomia e igualdade.

Sabendo que o mercado informal guineense são um dos principais fonte da renda do país, ocupada em maioria pelas mulheres *Bideiras*, que operam como produtoras e vendedoras, assim remanejando a economia local guineense. Mas, mesmo assim, elas ainda enfrentam dificuldades (falta de apoio técnico e governamental) e diferentes etapas de equilíbrio econômica. Além disso, essas mulheres *Bideiras*, muitas vezes, assumem papéis de mãe e pai, e exercem papel relevante para sustentação da família. Assim, reafirmam suas identidades através das suas lutas diárias, de ser independente e da participação comunitária. E esses espaços de trabalhos que elas ocupam, até certo ponto, tornam-se seus locais de troca cultural e de luta por inclusão. E, por serem fortes e resistentes, conquistaram respeito e reconhecimento na sociedade guineense. Por isso, é fundamental valorizar suas vozes e trajetórias para a construção de uma sociedade mais correta e igualitária.

REFERENCIAS

BALDÉ, Mamadú. **Bissau : a cidade, o comércio e a cultura : as Mulheres Bideras no contexto social guineense**. 64 f. : il. color. 2019 Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

CARVALHO, Ricardo Ossagô de; MBUNDÉ, Daiana Fernando. **MANDJUANDADE COMO ESPAÇO DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA NO CONTEXTO SOCIAL NA GUINÉ-BISSAU**. Revista da ABPN • v. 13, n. 36 • Mar - Mai 2021 • p. 141-162.

COLLINS, Patricia Hill. **Em direção a uma nova visão: Raça, classe e gênero como categorias de análise e reflexão**. In: MORENO, Renata (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: Sempre viva Organização Feminista, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

DIAS, Luciana de Oliveira; ALMEIDA, Lyzyê Inácio | ***Eu empregada doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil*** | TESSITURAS V9 N1 JAN-JUN 2021 | Pelotas | RS.

DIAS, Luciana de Oliveira; CASTRO, Ana Luísa Machado de. **Mulheres negras nas universidades e saberes decoloniais: por uma teorização de um pensamento feminista negro**. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v.9. n.17, jan./jun.2020. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes>.

DOMINGUES, Maria M. A. Borges. **ESTRATÉGIAS FEMININAS ENTRE AS BIDEIRAS DE BISSAU**. DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM ANTROPOLOGIA CULTURAL E SOCIAL, APRESENTADA À UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Universidade Nova de Lisboa F.C.S.H. 2000.

FORTES, Celeste. **“Casa sem homem é um navio à deriva”: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal**. Anuário Antropológico/2014, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 151-172.

S, Peti Mama. **Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche**. - Redenção, 2019. Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico Em Antropologia Ufc/unilab, Mestrado Em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

MARTINS, Rosiani Sanca. **MULHERES BIDEIRAS EM GUINÉ-BISSAU: TRABALHO INFORMAL, RESISTÊNCIAS E PERSPECTIVAS**. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal da Grande Dourados, 2024. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em: <https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>.

MENDES, Hipólito. **Mindjeris di Guiné-Bissau tené balur** / - 2016. 83 f. : il. color. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

MOREIRA, Joacine Katar. **“Capítulo 4: Corpo Performático: Género, Sexualidade e Poder”**. In: **Matchundadi: género, performance e violência política na Guiné-Bissau**. Lisboa: Sistema Solar, 2022.

RAMOS, Alyson Thiago Almeida. **A Organização Feminina Em Empreendimentos Solidários: Uma Alternativa De Inclusão Ao Mercado De Trabalho**. *Anais II Simpósio Género e Políticas Públicas* ISSN2177-8248 agosto de 2011.

SANHÁ, Calado. **Identidade étnica e estigma em Guiné-Bissau: o caso dos Balantas**. 2023. 28f. Projeto de Pesquisa - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-Ceará, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5126/1/CALADO%20SANH%c3%81.pdf>

SÁ, Lúcia P. Casimiro De. **ESTUDOS SOBRE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU: IMPORTÂNCIA DA MULHER NO ÂMBITO SOCIOCULTURAL**. Acadêmica de Curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2023.

VIEIRA, Aparicio Marques. **ECONOMIA DO COTIDIANO: CRÍTICAS CONTRA DENOMINAÇÕES EUROCÊNTRICAS DE ALGUMAS CATEGORIAS DE TRABALHO NA GUINÉ- BISSAU**. Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, 2023.